

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EM DEFESA DE UMA AÇÃO INTERDISCIPLINAR

Maurina Passos Goulart Oliveira da Silva¹
mauripassos@uol.com.br

Na formação profissional, muitas pessoas me inspiraram: pensadores, professores, colegas de profissão e, enquanto docente, percebi meus alunos como meus maiores mestres. Nesta trajetória, no entanto, em Freire pude traduzir o significado do sentimento que jamais poderia calar e me fazia desde sempre manifestar minhas contestações adolescentes, *a indignação*.

Em família, na época da ditadura, fazia longos exercícios de argumentação na discussão com meu pai, pessoa simples, mas de uma sabedoria inconfundível. Ele promovia o debate político dentro de casa, uma vez que lá fora era proibido. Assim, o exercício da indignação passou a fazer parte de meu cotidiano e indignar-se parece ser a manifestação mais honrada de um cidadão.

Freire (2001, p.49) também me ensinou que educação é um ato político-pedagógico, pois “o trabalhador do ensino, enquanto tal é um político, independente de se é, ou não, consciente disto”. Nesse sentido, esclarece o quanto é importante para nós, professores, assumirmos afinal nossa posição progressista, conservadora ou reacionária, por ingenuidade ou convicção.

Costumo dizer que ao fazermos nossas escolhas na organização de um curso, de uma aula, incluímos ou excluimos nossos alunos da oportunidade de desenvolvimento, pois nossas práticas são reveladoras do profissional e da pessoa que somos. Assim, dependendo da concepção de educação e de ensino promoveremos a oportunidade de aprendizagem ou a indiferença em relação às dificuldades do educando. É neste sentido que as ações, os caminhos escolhidos revelam nosso ato político-pedagógico.

¹ Doutora em Educação, PUC-SP, licenciada em Letras e Pedagogia. Pesquisadora do GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade). Professora no curso de Pedagogia da UNAERP-Campus Guarujá e UNIMES.

No entanto, o entendimento deste ato político-pedagógico pode ser contrariamente compreendido como um ato político partidário, ou pior ainda, pode ser conduzido para uma relação de forças cujo sentido se perderia na luta por interesses pessoais, guerra de vaidades, onde o saber arrogante em nada promoveria o desenvolvimento do outro, ou ainda, o desenvolvimento da cultura de uma população inteira.

É possível imaginar o desenvolvimento da população brasileira se ainda convivemos com situações inaceitáveis, como o baixo nível de escolaridade e a exclusão de cidadãos brasileiros do processo de escolarização? Indignar-se é a primeira expressão diante deste quadro, porém é preciso partir para a ação, uma ação responsável e interdisciplinar.

Intervir nesta realidade requer agir conjuntamente, somando esforços, estabelecendo parcerias, despidendo o discurso de intenções político-partidárias, de interesses pessoais e promocionais para realmente (res)significarmos o sentido de PARCERIA.

No exercício da parceria reconhecemos o outro e nos reconhecemos nas ações e intenções porque o objetivo é um só. Parceria, como princípio da interdisciplinaridade, não combina com vaidade, com egocentrismos, com disputa de poder, com discurso do tipo “isto não é comigo, é responsabilidade do outro”. Num projeto interdisciplinar somos todos responsáveis pelo sucesso ou fracasso das ações assumidas.

São ainda princípios de uma prática interdisciplinar: a humildade, a coerência, a espera, o respeito e o desapego (FAZENDA, 2001). Todo projeto exige afinação entre as pessoas envolvidas. Em se tratando de projetos de alfabetização de adultos destacamos a observância destes princípios, independentemente de ser um trabalho voluntário ou não. Concordamos com Fazenda (1991) quando define interdisciplinaridade como atitude. É na ação que as pessoas se revelam.

Neste sentido, a sensibilidade, a tolerância, a paciência, a generosidade com aquele que se revela diferente, ou até mesmo discordante, faz das relações pedagógicas uma oportunidade de acima de tudo, compreendermos este

momento de tensão como possibilidade de lapidação das relações humanas. Portanto, é preciso humildade para compreender que sozinhos realizamos muito pouco. Humildade para perceber nossas limitações e estabelecer as parcerias necessárias. É preciso coerência entre discurso e ação. Espera, mas uma espera trabalhada, diante dos desafios. Respeito ao outro e desapego de nossas verdades, nossas certezas.

Assim, defender uma ação interdisciplinar em projetos de Alfabetização de Jovens e Adultos significa acreditar num trabalho, através do qual a escuta e a troca de experiências, poderão constituir-se nos fundamentos de um projeto interdisciplinar em prol desta causa social. Num empreendimento desta natureza a intersubjetividade, a parceria, enfim, os princípios citados poderão sustentar a aproximação e o comprometimento das pessoas, pois o projeto são as pessoas, e estas é que fazem o projeto acontecer.

Breve percurso nos caminhos da alfabetização

O adulto analfabeto é um homem culto, no sentido do saber construído no seu cotidiano, nas suas experiências durante a vida. O que ele não sabe é exatamente o que a sociedade não exigiu dele, pois as suas condições sociais não lhe requisitaram o conhecimento da leitura e da escrita. Portanto, a aquisição da leitura e da escrita somada a outros fatores contribui para a mudança das condições culturais da população. A própria sociedade, em sua evolução vai exigindo conforme seus interesses, mais conhecimento.

Houve um tempo em que a sociedade exigia que seus trabalhadores deixassem seus cérebros em casa (taylorismo), o trabalho braçal bastava para garantir a produção. Com a modernização das fábricas e indústrias, no entanto, passou-se a requerer do trabalhador cada vez mais conhecimento, não apenas da leitura e da escrita, mas também maior grau de instrução e atualização profissional, inclusive no campo da informática.

Muitas campanhas de palanque há décadas passadas, já apregoavam a necessidade de investimentos na educação de jovens e adultos. Porém, as ações

e projetos desenvolvidos foram duramente criticados porque acabaram contribuindo, em determinado momento, para a produção do analfabetismo funcional, ou seja, pessoas com alguns anos de escolaridade que foram capazes de produzir uma mensagem escrita simples, tratando de questões ligadas ao cotidiano, mas perderam esse domínio por falta de uso e de exercício da escrita. Durante um determinado tempo, a alfabetização de adultos resumiu-se ao aprendizado da escrita do seu próprio nome ou pouco mais do que isto.

Com Vieira Pinto (1993) compreendemos que a discussão sobre alfabetização de adultos paradoxalmente passa por outros caminhos, pois ao adquirir o saber o homem começa a ver o mundo e a si mesmo de outro ponto de vista, pois é por meio da educação que se pretende a mudança da condição humana da pessoa, tornando-a um elemento transformador de seu mundo.

Assim, uma das grandes lutas empreendidas no campo educacional, a partir da década de 90, foi o acesso e permanência de crianças, jovens e adultos, com sucesso na escola. Ao pensarmos na questão da democratização das oportunidades educacionais encontramos nos parâmetros curriculares a idéia sobre aquisição e domínio da linguagem como condição e possibilidade à plena participação social, pois é pela linguagem que os homens e mulheres se comunicam, tem acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham e constroem visões de mundo, produzem cultura.

Para tanto, além da alfabetização (como um tipo de prática de letramento) defende-se o letramento como prática social (KLEIMAN, 1995). Ao nos referirmos a letramento estamos nos reportando ao produto da participação social que se utiliza da escrita como sistema simbólico. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler e escrever. “Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas”(PCN L.P.,1997, p.23).

Obviamente o sentido de Alfabetização em Freire coloca-se na perspectiva do desenvolvimento da consciência crítica, hoje presente no discurso escolar, porém nem sempre efetivado na prática educativa.

A prática educativa em salas de aula de alfabetização de jovens e adultos precisa considerar os diferentes níveis de desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos. Partir do seu repertório cultural, compreendendo que o processo de leitura e escrita não se reduz a mero mecanismo de decifração de um código, mas ao contrário, sua significação e amplitude nos remetem à leitura de mundo como bem afirmava Paulo Freire.

Diante do exposto, um projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos numa dimensão interdisciplinar requer sair do discurso para a ação, envolvendo o maior número de pessoas possível em prol desta causa. Uma ação através da qual as pessoas se coloquem a serviço de uma comunidade cuja cidadania foi negada. Para tanto, há que se promover o *encontro* (consigo mesmo, com o outro, com o conhecimento), a *parceria* e o despertar de nossa sensibilidade para mais esta questão social. Talvez seja preciso mesmo raspar a tinta com que nos pintaram os sentidos e desencaixotar nossas emoções verdadeiras, como escreveu Pessoa (1970). Raspar a tinta aqui, neste contexto, poderá significar raspar toda a indiferença, a insensibilidade diante de mais esta injustiça social.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa, volume 2 – Brasília, 1997.

FAZENDA, Ivani (Org.). Dicionário em Construção. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. São Paulo: Ed. Loyola, 1991.

FREIRE, Paulo. Educação na Cidade. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KLEIMAN, Ângela (Org.). Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

PESSOA, Fernando. Antologia. São Paulo: Livraria Agir Editora, 1970.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Sete Lições Sobre Alfabetização de Adultos. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.